

Em profunda sintonia com o Sínodo dos jovens

Queridas Irmãs,

estamos terminando as reuniões do *Plenum de verão* e chegamos a vocês, antes de tudo para agradecer-lhes pela oração com que nos acompanharam neste tempo de partilha especial e de discernimento. Nós sentimos vocês presente também na semana dos Exercícios Espirituais, de 17 a 23 de junho, vividos em Guaricino (Frosinone) entre o verde dos bosques e muito silêncio. A contemplação da natureza, a escuta da Palavra de Deus e a oração mais intensa nos permitiram percorrer novamente com admiração e agradecimento a nossa “história de amor” com Jesus e reavivar o *da mihi animas cetera tolle* levando no coração as jovens e os jovens que nos são confiados nos cinco continentes e, naturalmente, todas vocês empenhadas em anunciar a alegria do Evangelho.

Agradecemos ainda a vocês pelas orações com que estão acompanhando a rica experiência das Avaliações Trienais, algumas já realizadas e outras de próxima realização. Agradecemos ao Senhor e a Maria Auxiliadora que continuam abençoando o caminho de conversão pastoral que se está fazendo em todo o Instituto para viver a entrega do Capítulo Geral XXIII e para projetar-nos com nova esperança em direção ao futuro.

Cada encontro de Avaliação celebra a comunhão que nos une e a beleza do nosso carisma, que vivemos com os jovens, as leigas e os leigos que compartilham nossa missão e juntos nos interrogamos sobre como vivê-la com maior coragem no hoje da história, em contato com novos desafios e oportunidades.

Enquanto agradecemos pelas Avaliações já realizadas, pedimos a vocês que continuem rezando por aquelas que acontecerão em julho e agosto, no Brasil, Equador e Costa Rica, para todas as Inspetorias da América. Possam marcar para as/os participantes, e para quem ouvir sua ressonância, uma nova etapa no caminho de renovação e de fidelidade ao Evangelho e ao carisma.

Do Capítulo Geral XXIII ao Sínodo

Constatamos, com admiração, quanto a mão providencial do Senhor guia e acompanha a vida do Instituto. Sentimo-nos confirmadas na bondade das opções assumidas pelo CG XXIII e fortalecidas pelo dom que Papa Francisco nos oferece nesta intensa preparação para o Sínodo dos jovens. Somos também estimuladas pela metodologia de envolvimento adotada. No coração da Igreja percebe-se a grande paixão evangelizadora que a anima: uma paixão que nós também exprimimos no CG XXIII e que aparece no título dos *Atos: Alargai o olhar. Com os jovens missionárias de esperança e de alegria*. Desde a preparação do CG XXIII, escolhemos o ícone bíblico de Emaús e nos deixamos ser acompanhadas, iluminadas, transformadas pelo encontro com Jesus que caminha conosco. Agora, a própria Igreja convida a sintonizar-nos, com o olhar de Deus, sobre a realidade e a apostar no acompanhamento como pressuposto para poder anunciar o Evangelho juntamente com os jovens.

O *Instrumento de Trabalho* na preparação para o Sínodo: *Os jovens, a fé e o discernimento vocacional* (cf *Instrumentum Laboris: IL*), coleta unitária e sintética dos temas que serão tratados na Assembleia

sinodal, oferece um material rico e amplo que apresenta a contribuição das comunidades eclesiais com a participação ativa de muitos jovens, também de nossas casas. O documento, realmente, não exprime apenas a voz das Conferências Episcopais, mas dá espaço e palavra especialmente aos jovens, como protagonistas ativos. O Sínodo é para todas nós um apelo renovado para colocar-nos na escuta dos jovens e dos jovens, do seu mundo rico de aspirações e de sonhos, mas também cheio de desafios e, às vezes, de desilusões.

Como Instituto, sentimo-nos fortemente interpeladas pelo chamado à conversão pastoral. Ela exige mudança de mentalidade, novos estilos de ação com relação ao que fizemos até agora. Iluminadas pelo CG XXIII e, agora, também pelo Sínodo, continuamos escolhendo cultivar uma atitude positiva para com toda pessoa e realidade, sentir-nos em caminho com os jovens, imersos no tecido da vida cotidiana, procurando juntos novos caminhos e assumindo o discernimento como estilo de vida (cf CG XXIII, 33-35). O próprio Sínodo nos propõe o processo de discernimento como método e estilo de vida, um modo de proceder habitual na escuta do Espírito Santo em cada circunstância de vida pessoal, comunitária e na missão (cf *IL*, 111.139).

Como Igreja continuamos a considerar a conversão pastoral como o horizonte que motiva os processos concretos de renovação. As linhas propostas pelo *Instrumento de Trabalho* apoiam e iluminam também as escolhas fundamentais assumidas pelo Instituto: encontramos-nos realmente em profunda sintonia com a opção de sair rumo às periferias, de estar com os jovens e estarmos presentes e atuantes ali onde eles vivem sua existência concreta; de compartilhar com eles a missão educativa e de habitar o mundo digital. Com os jovens e por eles queremos ser comunidades abertas e acolhedoras, que favoreçam o encontro pessoal com Jesus e compartilhem a fraternidade e a missão (cf CG XXIII, 55.58). Ouvindo as necessidades dos jovens, renovemos a opção da profecia da fraternidade, o cuidado pelas relações de proximidade em todos os nossos ambientes, onde se possa respirar alegria, acolhimento e profundidade espiritual e onde se alimentem entusiasmo e paixão apostólica. Os jovens sonham uma Igreja que esteja perto do povo: uma verdadeira família com uma forte sensibilidade educativa, que os ajude a amadurecer, a apreciar a fé como relação pessoal com Jesus e a abrir-se ao dom gratuito de si (cf *IL*, 178.184.194).

O CG XXIII nos estimulou a cuidar com maior determinação da cultura vocacional, da formação de comunidades vocacionais, buscando caminhos sistemáticos adequados e inculturados, tendo atenção para com o discernimento e o acompanhamento vocacional das/dos jovens (cf CG XXIII, 61,8). No coração do Sínodo está justamente este sonho: uma compreensão renovada e compartilhada da cultura vocacional, para colaborar à verdadeira alegria dos jovens, alegria que se experimenta em realizar o projeto de Deus na própria vida (cf. *IL*, segunda parte).

A atenção aos jovens para fortalecer o rosto da Igreja e do Instituto

No final do Concílio Vaticano II, os Padres conciliares dirigiram uma mensagem aos jovens, indicando que o Concílio havia procurado “fortalecer” o rosto da Igreja, para responder melhor a Jesus Cristo, eternamente jovem; para interrogar-se de que modo poderia corresponder melhor ao chamado para ser luz e esperança no mundo.

O primeiro objetivo do Sínodo é conscientizar toda a Igreja sobre a sua importante tarefa de acompanhar todos os jovens, ninguém excluído, para a alegria do amor. Certamente não é algo novo na Igreja, mas é dar continuidade e importância à grande intuição conciliar: cultivar um olhar de confiança para com as gerações jovens. Os jovens podem, com sua presença e sua palavra, ajudar a Igreja a rejuvenescer seu rosto (cf. *IL*, 1), porque é típico da juventude acreditar em grandes sonhos, trabalhar por um ideal com frescor e novidade.

A metodologia escolhida pelo Sínodo é participativa: em vez de falar sobre os jovens, deixa-lhes a palavra. Papa Francisco, em todos os seus discursos, desde a convocação do Sínodo, convidou sempre os jovens a falar “sem filtros”, com franqueza e em total liberdade. Quem melhor para falar sobre os jovens, se não os próprios jovens? Ouvir os jovens aconteceu em diferentes níveis e usando várias modalidades, porque precisamos entender melhor o que Deus está pedindo de nós, através dos sinais dos tempos. “Jovens, sentinelas e sismógrafos de todas as épocas, percebem-no mais do que outros como fonte de novas oportunidades e ameaças sem precedentes” (IL, 51). Lembramos que em “muitos momentos da história da Igreja, assim como em numerosos episódios bíblicos, Deus quis falar através dos mais jovens” (Papa Francisco na Reunião Pré-Sinodal).

Ouvir os jovens acontece de várias maneiras, mas nada substitui o encontro face a face, e isto implica “estar” com eles no tecido da vida cotidiana. O *Instrumento de Trabalho* especifica os lugares onde podemos encontrá-los: escola, universidades, mundo do trabalho, compromisso político, ambiente digital, música, esporte, amizade, situações de marginalidade e de fragilidade.

No entanto, não basta ouvir os jovens. Eles esperam convites e propostas explícitas. Também se parecem seguros de si mesmos, na realidade escondem fragilidades e inseguranças e, por isso, esperam que nós adultos nos interessemos por eles e lhes ofereçamos propostas claras de compromisso. O acompanhamento tem como objetivo o envolvimento dos jovens na missão, mas não como “executores” do que já foi decidido e programado, mas sim como “protagonistas” atuantes e insubstituíveis. Isto comporta por-se à escuta de suas ideias, confiar-lhes responsabilidades e compromissos e, por fim, fazer a avaliação com eles.

Uma oportunidade propícia de acompanhamento dos jovens é o Movimento Juvenil Salesiano. Este ano celebramos o 30º aniversário de seu nascimento como movimento mundial. Perguntemo-nos: o MJS oferece aos jovens uma intensa vida fraterna, caminhos empenhativos de espiritualidade, experiências de serviço significativas, espaços de acompanhamento adequados e pessoas competentes para o discernimento?

O *Instrumento de Trabalho*, ao referir-se aos desafios antropológicos e culturais, toca temas que fazem parte das conversações diárias dos jovens, e são também as “condições de exercício” da missão eclesial hoje: a nova compreensão do corpo, da afetividade e da sexualidade, novos paradigmas de conhecimento que veiculam uma abordagem diferente da verdade, o mundo digital, a desilusão institucional no campo civil e eclesial, a paralisia de decisão, a nostalgia e a busca espiritual (IL, cap IV da I Parte).

É para nós um apelo a uma preparação mais qualificada para enfrentar esses temas e colocar-nos em diálogo com os jovens, em atitude de abertura e de inteligência crítica. Não é o que os jovens nos pediram durante o CG XXIII, isto é, de promover uma verdadeira e própria “pastoral da inteligência”?

No *Instrumento de Trabalho*, em algumas passagens, é lembrado o aspecto da valorização da mulher, especialmente dentro da Igreja. Os jovens e as jovens pedem, de modo especial à Igreja, que compreenda e valorize o papel da mulher leiga ou consagrada, e que as ajude a compreender sempre mais claramente as implicações em nível familiar, social e eclesial do “gênio feminino”, que na vida consagrada tem um lugar específico de expressão (cf IL, 201).

Sonhar com os jovens o “relançamento” da santidade

O *Instrumento de Trabalho* conclui com um “relançamento” da santidade, lembrando a esplêndida Exortação Apostólica *Gaudete et Exsultate* que contribui para que se aprecie a beleza da vocação universal à santidade, como caminho de felicidade e de realização humana e cristã no encontro vital com Jesus e no dom gratuito de si mesmos (cf IL, 212-214). A santidade é a vocação única e unificante de toda a humanidade, porque ninguém é potencialmente excluído desta meta da existência. Também a juventude, como as outras idades da vida, é um tempo propício para a santidade.

A Igreja é rica de uma multidão de jovens santos que indicam o melhor modo de viver essa entusiasmante idade da vida que é a juventude. Também na Família Salesiana, entre todos os Santos, Beatos e Veneráveis uns cinquenta são jovens abaixo dos trinta anos de idade, entre estes está Laura Vicuña, que alcançou a santidade com 13 anos!

Para nós todas, esta realidade é um forte apelo para envolver os membros das comunidades educativas e propor-lhes, sem temor, a santidade juvenil, apontando um percurso que busque a medida alta da vida cristã. Todo o processo educativo comporta o empenho de ajudar os jovens e as jovens a se abrirem aos valores absolutos e a interpretar a vida e a história conforme a profundidade e as riquezas do Mistério de Deus que nos habita.

A santidade é o presente mais precioso que podemos oferecer aos jovens e às jovens, é a contribuição que a Igreja e o mundo esperam de nós. Convictas de que «a santidade é o rosto mais bonito da Igreja» (GE, 9), ao propormos a santidade aos jovens, somos chamadas a vivê-la primeiramente nós, como testemunhas de uma comunidade “simpática”, atraente, contagiosa, profundamente enraizada em Cristo. Somente a partir dessa coerência poderemos acompanhar os jovens na descoberta da vocação à santidade, à qual Deus chama toda pessoa e todos nós juntos. A santidade é realmente um caminho comunitário, onde se reflete, de modo paradigmático, a beleza da comunhão trinitária (cf IL, 143). A comunidade é aquele “espaço teologal” onde se encontra a presença do Senhor ressuscitado (cf. IL, 142), onde se exprime o entusiasmo apostólico, se compartilham as preocupações, as esperanças, a oração e as metas da ação educacional. A experiência carismática como FMA e o próprio Sínodo dos jovens nos ajudam a cultivar a esperança de que a santidade seja sempre possível. Com os jovens, que buscam o rosto de Deus, nós a consideramos como horizonte de sentido acessível a todos e realizável nos dias comuns da vida.

Uma proposta às comunidades educativas

Como Instituto, através do Âmbito para a Formação, nos pusemos a ouvir as Junioristas e as comunidades de formação, para qualificar sempre mais o acompanhamento do caminho vocacional (cf. *Orientações para a etapa formativa do Juniorato, 2017*).

Agora, em sintonia com o Sínodo, propomos a vocês que envolvam as comunidades educativas para *refletir sobre a experiência vocacional*, entendendo a vocação no sentido amplo, intrinsecamente ligada à vocação batismal e à missionariedade da Igreja. As diversas vocações são expressões concretas da realidade da vida humana, como dom e como tarefa, chamado de Deus para sair de si para ser dom de amor ao mundo, cada um/cada uma com a própria irrepetível contribuição.

As múltiplas vocações são necessárias umas às outras, como um corpo constituído por muitos membros. «Somente a unidade harmônica de todos torna o corpo vivo e harmonioso» (IL, 98).

Dessa forma se poderia dar uma resposta ao que os jovens expressaram no documento final da Reunião pré-sinodal: «Buscamos uma Igreja que nos ajude a encontrar a nossa vocação, em todos os seus significados» (IL, 85).

Para as nossas comunidades este pedido é um forte apelo a se interrogar seriamente: “*Como acompanhar o processo de crescimento na fé e no discernimento vocacional dos jovens e das jovens?*” Convidamos vocês a concretizarem com criatividade esta proposta, adequando-a aos vários contextos e envolvendo especialmente as nossas irmãs mais jovens. Vocês poderão depois compartilhar a notícia através do Site do Instituto. Será assim um dom para todos e uma modalidade significativa para potencializar a cultura vocacional em cada ambiente nosso.

Na iminência da festa do Instituto, suscitado pelo Espírito Santo como dom à Igreja e às jovens gerações no dia 5 de agosto de 1872, desejamos a vocês uma celebração alegre e agradecida pela beleza da nossa vocação de FMA e pela responsabilidade que temos de vivê-la em plenitude e testemunhá-la com alegria e fidelidade.

Olhando para Maria, «mulher jovem que com seu “sim” tornou possível a encarnação do Filho e, conseqüentemente, criou as condições para que cada outra vocação eclesial possa ser gerada» (*IL*, 96), confiemos a Ela a vida dos jovens, nenhum excluído, de cada uma de nós e das comunidades educativas. Ela nos torne audazes em percorrer corajosamente, com eles, o caminho da santidade.

Deus as abençoe!

Roma, 16 de julho de 2018

*A Madre
e as Irmãs do Conselho*